

ONU faz previsão pessimista da economia brasileira

6000 - 0000

CORREIO BRAZILIENSE 16 SET 1991

Joaquim Nogales

Depois de três anos de recessão, a economia mundial retomará o caminho do crescimento a partir de 1992. Os países da América Latina, mesmo os não-produtores de petróleo, já dão sinais de recuperação de suas economias. Todos apresentarão aumento de produção em 1991. A única exceção é o Brasil, de acordo com relatório da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (Unctad), que foi ontem divulgado nos quatro cantos do globo.

O documento das Nações Unidas assinala que a dívida externa dos países em desenvolvimento triplicou durante a década de 80. A soma da dívida hoje é de 318 bilhões de dólares. Os países desenvolvidos, segundo o relatório, começam a reconhecer que o ritmo de escalada dos débitos tem que diminuir. O caso do Egito e da Polônia, que sofreram uma redução de suas dívidas em 50 por cento no primeiro semestre deste ano, é lembrado como exemplo da boa vontade dos credores.

A Polônia, ao lado do Chile e do México, também é citada como exemplo de país que fez a correta opção pela maior liberdade de mercado. Reduzir o intervencionismo do Estado na economia, aliás, é remédio receitado

pela Unctad para o incremento do comércio e desenvolvimento mundial.

Recessão — O documento da Unctad, de 227 páginas, aponta a retração da demanda dos países desenvolvidos como a principal causa da recessão que se abateu sobre o mundo, desde 1989. A estimativa da entidade para este ano é de que a produção dos cinco continentes cresça somente em 0,7 por cento; em 1990, a produção foi 1,8 por cento maior que em 1989. O comércio internacional também cairá. O crescimento do comércio em 1990 foi de 4,3 por cento e neste ano será de apenas três por cento.

O Produto Interno Bruto da América Latina caiu, em 1990, 0,5 por cento. A média inflacionária da região subiu de 1 mil 100 por cento ao ano, em 1989, para 1 mil 500 por cento em 1990. O documento destaca que os países exportadores de petróleo da região alcançaram performances satisfatórias, apesar das dificuldades. Em 1990, a Venezuela, por exemplo, registrou um crescimento do PIB de 4,5 por cento; o México, 2,5 por cento; a Colômbia, 3,5 por cento e a Bolívia, 2,5 por cento.

Os parágrafos que o relatório da Unctad dedica ao Brasil não são dos mais animadores. Em 1989, o Brasil teve um crescimento

Reunião do Gatt traz avanços

A reunião do Gatt no Uruguai, também chamada de Rodada Uruguai, é analisada com extremo otimismo pelo relatório da UNCTAD. Embora a reunião tenha demonstrado um impasse na questão do comércio internacional de produtos agrícolas, já que os países europeus se recusaram a reduzir os subsídios que concedem aos seus produtores, o documento salienta que avanços foram feitos em relação à discussão do pagamento de direitos autorais para a produção intelectual e também na definição de políticas a serem adotadas pelos organismos in-

ternacionais de financiamento, que a UNCTAD considera como o maior desafio.

“As negociações sobre a agricultura não se resumem simplesmente ao protecionismo ou a subsídios para exportação, mas também a políticas agrícolas dos países desenvolvidos”, assinala o relatório da UNCTAD, acrescentando que as políticas agrícolas adotadas por estes países não só têm inibido a produção agrícola de países em desenvolvimento como também têm restringido a participação destes no mercado internacional.

De acordo com o relatório, o preço do café vem caindo em média 11 por cento ao ano desde 1982 e, embora a produção tenha crescido neste período em quatro por cento, os países produtores receberam 22 por cento a menos com o seu comércio.

houve uma recomposição das reservas, mas que atualmente elas ainda se encontram muito abaixo do que o País detinha durante a década de 70. Para classificar a situação econômica do Brasil no final dos anos 80, a Unctad utiliza um adjetivo que nunca foi admitido pelas autoridades brasileiras: hiperinflação.

A Unctad afirma também que as reservas brasileiras em moeda forte caíram drasticamente entre 1979 e 1983. O documento diz que no final da década de 80

hoje a 318 bilhões de dólares — por falhas das autoridades destes países nas negociações. De acordo com o relatório da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (Unctad), os países credores, principalmente os que fazem parte do Clube de Paris, começam a reconhecer que a dívida externa não pode crescer tanto.

O relatório cita como exemplo deste reconhecimento o fato de que os 15 maiores devedores comprometiam, em 1989, 18 por cento de suas exportações com serviços da dívida. Este nível de comprometimento hoje não ultrapassa a casa dos 16 por cento.

Outro fato importante que a Unctad chama a atenção é o perdão de 50 por cento das dívidas externas da Polônia e do Egito, decidido nos últimos meses de abril e maio. O montante perdoado atinge a casa dos 24 bilhões de dólares. O relatório salienta que esse valor é mais que o dobro concedido pelos países desenvolvidos aos países em desenvolvimento, a título de ajuda oficial, desde 1978. O relatório da Unctad defende perdões semelhantes para outros países em desenvolvimento.

Os bancos privados credores também estão buscando a redução dos serviços da dívida de seus devedores, de acordo com o do-

cumento da Unctad. Depois de ressaltar que essas negociações para redução de débitos ainda são recentes, o relatório ressalta que o caso do México, que conseguiu reduzir sua dívida, entretanto, cria um clima bastante favorável que as negociações de redução de dívida se estendam a outros países. O México, após concluir as negociações com os bancos credores, recebeu uma injeção de dois bilhões de dólares em sua economia, em 1990.

Brady — O plano de reduzir as dívidas externas dos países em desenvolvimento proposto pelo governo dos Estados Unidos, o Plano Brady, do secretário do Tesouro Norte-americano é analisado com cautela pela Unctad. A entidade admite que o Plano Brady pode trazer um certo alívio para os países atolados em contas a pagar, mas salienta que o plano é bastante limitado no sentido de romper com o círculo vicioso que caracteriza as economias dos países pobres: desordem financeira interna, baixa produção e superrendividamento.

O relatório da Unctad tece uma série de considerações ao Plano Brady, como por exemplo: o plano deveria ser fortalecido com um aporte maior de recursos, permitindo aos países devedores a reduzir em até 50 por cento seus débitos.